

Perigo de autofagia

A ameaça que se vive no mundo é a da autofagia social. Os regimes democráticos dos países mais adiantados estão ameaçando de morte seus semelhantes dos países em desenvolvimento. Esta é, na verdade, a situação existente. Depois de anos do que poderíamos chamar de especulação internacional, em que os empréstimos eram oferecidos com facilidades para todos os tomadores, veio o período do arrocho. Pouco interessa fazer uma análise das causas da mudança de orientação. A verdade é que os países devedores foram encostados na parede: ou pagam direitinho ou somos capazes de paralisar vossas economias. O preço seria demasiadamente alto. Para todos.

O pagamento das dívidas nas condições agora estabelecidas representaria a paralisação do crescimento nos países do Terceiro Mundo, nos países em desenvolvimento. A paralisação do crescimento em países que ainda vivem uma verdadeira explosão demográfica é o retrocesso. É a crise social, é a instabilidade política. Isto é grave para os que detêm o poder nestes países, mas o é também para os países avançados.

Seria imprudente que os países desenvolvidos mantivessem uma política que pode cortá-los do resto do mundo. Eles não podem ignorar que a sua situação de prosperidade está intimamente ligada à existência, em sua retaguarda, de um mundo menos desenvolvido mas de idênticas opções quanto à organização econômica e social. Pressionar demasiadamente esta retaguarda pode representar um perigo de ruptura que alteraria toda a situação internacional em suas atuais relações de forças.

É evidente que as elites governantes dos países de-

vedores estão tão comprometidas com as opções fundamentais do mundo ocidental como as que governam os países mais adiantados. Delas não partiria um movimento de ruptura. Existe, entretanto, perigo de que sejam suplantadas por outras forças que podem adotar orientações bem diferentes.

A política atualmente abraçada pelos organismos internacionais engloba claramente este risco que não convém nem aos credores nem aos devedores. Tal é o sentido das constantes advertências dos dirigentes dos países devedores mais responsáveis.

A alegação de que não existiria outro caminho que a obediência cega das leis do mercado não é procedente. Contra esta alegação, repetida à exaustão pelos dirigentes americanos, temos dois argumentos fundamentais. Quando, no pós-guerra, Europa e Japão se encontravam destruídos, a compreensão de que o mundo ocidental estava ameaçado permitiu a realização do Plano Marshal, que provocou uma época de prosperidade e de intensificação de trocas que beneficiou a todos os países envolvidos. Houve então uma análise correta da situação e o remédio foi eficaz.

Hoje a situação não é menos grave. Caso perdesse a visão mesquinha de simples mercadores, o mundo caminhará para dificuldades que ainda não conheceu.

A verdade é que a consciência desta situação é cada vez mais generalizada. A resistência a mudanças profundas no quadro das relações internacionais parece ser cada vez mais restrita. Só os Estados Unidos, sob a liderança de Reagan, é que continuam a resistir às mudanças necessárias.